

o acordo da rainha

anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*A todos os leitores que pediram
outra história. Bem-vindos de volta
aos Reinos.*

AGRADECIMENTOS



Os meus agradecimentos a Blair Boone, por continuar a ser a minha primeira leitora e pelo encorajamento e *feedback* durante a pior fase da narrativa; a Debra Dixon, por ser a segunda leitora; a Doranna Durgin, pela manutenção do *website*; a Adrienne Roehrich, por gerir a página oficial de fãs no Facebook; a Jennifer Crow, por servir de cobaia durante os nossos jantares literários; a Anne Sowards e a Jennifer Jackson, pelo *feedback* que me ajuda a escrever melhores histórias; a Alexis Nixon e a todos os restantes elementos da publicidade e *marketing* da PRH que ajudaram a levar o livro até ao leitor; e a Pat Feidner, pelo apoio e pelo encorajamento constantes.

JOIAS



BRANCA
AMARELA
OLHO-DE-TIGRE
ROSA
AZUL-CELESTE
VIOLÁCEA
OPALA*
VERDE
AZUL-SAFIRA
VERMELHA
CINZENTA
ÉBANO-ACINZENTADA
NEGRA

*A Opala estabelece a linha divisória entre as Joias mais claras e mais escuras, pois ela pode ser ambas.

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Joia de Direito por Progenitura.

EXEMPLO: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

Nota: O «Sc» nos nomes Scelt e Sceltie pronuncia-se «Sh».

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS



MACHOS

PLEBEU — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa igualmente todos os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias, perigoso e extremamente agressivo; tem um estatuto ligeiramente abaixo do de Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIA — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; regra geral designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias, mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM



Frente ao espelho do quarto, Jillian serviu-se da Arte para prender o pingente com a Joia Violácea à túnica verde, de modo que não balançasse quando ela se mexesse ou voasse. Depois estendeu as asas membranosas escuras na sua totalidade, voltando a fechá-las numa posição descontraída.

Seria banal? Seria bonita? Jillian nunca pensara, de todo, nisso até ao breve roçar dos lábios de Tamnar contra os dela, e ainda menos se interrogara se tal questão seria relevante. Era eyriena, uma das raças de vida longa, e era forte. Durante bastante tempo fora *isso* o importante para ela. Agora, ser forte não lhe dava a mesma satisfação, e ela não sabia porquê.

Virou-se de lado e observou a figura ao espelho. Desde há alguns anos que os seios se vinham a desenvolver e agora tinha um peito bem notório, tendo de usar vestes interiores que limitassem o ressaltar, sobretudo quando estava a treinar com armas eyrienas. Mas... Será que a túnica a faria parecer gorda? Seria do verde errado para alguém de pele castanha e olhos dourados? Nurian dissera que aquele verde lhe ficava bem, mas a irmã mais velha, embora uma magnífica Curandeira, não era, necessariamente, a melhor apreciadora de roupas. Durante muitos anos, antes de irem para Ebon Rih, qualquer roupa que cobrisse o corpo e não ficasse reduzida a retalhos era boa, independentemente da cor ou do estilo.

Claro que não havia muitos estilos que se adequassem a uma raça dotada de asas.

Jillian penteou o cabelo preto comprido e liso, combinando várias tranças que começavam atrás, no alto da cabeça e terminavam na base do pescoço, permitindo que o restante cabelo lhe caísse solto pelas costas abaixo. Depois de prender o cabelo entrançado com um gancho decorativo voltou a observar-se ao espelho e interrogou-se se um homem consideraria o penteado atrativo.

Talvez ela não quisesse parecer atraente, agora que voltavam a ter um homem em casa. Não que o Senhor Rothvar tivesse dito ou feito algo impróprio, mas o Príncipe Falonar parecera um bom homem até se tornar amante de Nurian. Não tardou a que os eyrienos leias ao Príncipe Yaslana descobrissem que Falonar, afinal de contas, não era assim tão bondoso.

Tinha de deixar de se apoquentar. Não tinha tempo para tal, caso pretendesse fazer um aquecimento matinal antes de se dirigir à casa de Yaslana e ajudar Marian com algumas das tarefas, para depois acompanhar os dois filhos mais velhos de Yaslana à escola eyriena.

Esgueirou-se do quarto, à escuta de sons que lhe dissessem se Rothvar ainda estaria no quarto da irmã. Depois de passar à porta de Nurian voou até à cozinha e começou a fazer café para Nurian e o seu... hóspede.

Sobrara tarte de legumes e queques de véspera. Era suficiente para duas pessoas.

Um relancear ao relógio da cozinha mostrou-lhe que não havia tempo de cozinhar mais nada. *Parece que vou saltar o pequeno-almoço.*

— Levantaste-te cedo.

Jillian arquejou e quase largou a travessa. Só viu Nurian à entrada da cozinha, pelo que ofereceu um sorriso trémulo.

— O dia começa cedo na casa do Príncipe Yaslana. — Enfiou a travessa no forno. — Sobrou bastante e há queques. O café estará pronto nuns minutos. O teu é sempre uma porcaria, por isso eu...

— O Rothvar não ficou. — Nurian observou-a. — Ele não está cá, Jillian.

Mas tanto o odor psíquico como o físico ainda pairavam na casa, recordando-a de que ele lá passava tempo suficiente para que madeira e pedra lhe absorvessem a presença.

Jillian esfregou as mãos suadas na túnica.

— Tenho de ir. Não te esqueças de tirar a travessa do forno quando aquecer.

— Jillian...

— Tenho de ir.

A tristeza invadiu os olhos de Nurian, mas o tom soou-lhe ríspido ao dizer:

— Fiz mais tónico para a Marian. Podes levar-lho?

— Claro. — Jillian dirigiu-se à arcada, ao que hesitou. — Ela teve o bebé há meses. Não devia já estar bem?

— Foi um parto difícil. — Nurian falava como se cada palavra pudesse causar uma avalanche. — Por vezes, as eyrienas demoram muito a recuperar.

E algumas nunca recuperam. Era algo que ninguém dizia e que todos os que viviam no vale e seus arredores temiam — que Marian Yaslana, esposa do Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih, fosse uma das mulheres privadas da vitalidade aquando do parto e acabasse por definhar, não obstante o esforço de Nurian para a curar.

— Sabes o que se passa? — perguntou Jillian.

Nurian abanou a cabeça.

— Vou buscar o tónico. — Dirigiu-se ao espaço de trabalho e regressou daí a pouco. Entregou o frasco protegido a Jillian.

Jillian serviu-se da Arte para fazer desaparecer o frasco e depois abraçou a irmã.

— Vai correr tudo bem.

— Será?

Estariam a falar da saúde de Marian ou da presença de Rothvar na vida de Nurian — e de Jillian?

— Não te esqueças de tirar a travessa do forno — lembrou Jillian ao recuar. A concentração e dedicação de Nurian quanto à preparação de tónicos e de infusões de cura não se estendiam à cozinha.

Ao sair da habitação, Jillian observou os eyrienos que já voavam pelo vale. Estaria Rothvar entre eles? Estaria ele a observá-la? Ou já se encontraria no edifício comunal, a treinar as habilidades de combate?

Ela faria um breve aquecimento ao chegar a casa de Yaslana. Decerto teria tempo para isso.

Abriu as asas e lançou-se pelos ares. Ao voar lamentou não ter vestido a capa com o cinto que os eyrienos usavam com o frio. As manhãs de outono eram sempre frescas, mas, naquele dia, o ar fazia questão de recordar que o inverno não tardaria.

Aterrou no pátio de lajes à frente da casa, dirigiu-se à entrada e levou a mão esquerda à reentrância de pedra ao lado da porta. As casas eyrienas eram construídas com a pedra das montanhas, ou então eram escavadas

nas próprias montanhas, mas aquela pedra não provinha daquela montanha em particular e tinha um objetivo específico. A casa dos Yaslanas estava protegida por dentro e por fora — pelo interior, de modo que as crianças estouvadas não saíssem antes que os pais acordassem, e, pelo exterior, para que ninguém que não estivesse em sintonia com os feitiços aplicados na pedra fosse capaz de entrar quando as portas estavam trancadas e os escudos no lugar.

Já tinha havido inimigos. Embora desaparecidos, destruídos há anos, Lucivar Yaslana não corria riscos com a segurança da família.

Jillian assentou a mão na pedra e esperou até sentir os escudos a abrirem-se em torno da porta. Abriu-a, então, e entrou. Momentos depois, os escudos voltavam ao seu lugar.

Usou a Arte para invocar o frasco de tônico, que deixou na bancada da cozinha, onde Marian o veria. Como parecia que ainda não estava ninguém levantado — seria mesmo assim tão cedo? —, saiu da cozinha, atravessou a grande sala da frente que só tinha um cabide de pé junto à porta e abriu as portas de vidro que davam para o pátio onde as crianças brincavam. Felizmente, os escudos que protegiam a casa iam além do pátio, pelo que não ficaria ali encurralada se terminasse o aquecimento antes de os moradores acordarem.

Invocou a vara de luta. Não era tão comprida nem tão grossa como as varas usadas pelos machos adultos, o que significava que poderia partir-se numa luta a sério contra algum deles, mas cabia-lhe nas mãos. Executou os movimentos lentos e precisos, aquecendo os músculos dos braços, dos ombros, das costas e das pernas. Desde há anos que o corpo vinha a sofrer alterações, mas ultimamente sentia-se uma estranha na sua pele, e não sabia...

Um dedo percorreu-lhe as costas entre as asas, onde o Príncipe Falonar...

Deu meia-volta e atacou, com a vara a bater em outra já posicionada para se opor à investida.

Mãe Noite! Estivera de tal modo embrenhada nos seus pensamentos que não o ouvira aproximar-se?

Lucivar Yaslana mirou-a demoradamente antes de recuar.

— Vamos falar.

Ela não queria falar, não queria ser acusada de ser egoísta e irrazoável por não se sentir confortável com Rothvar a passar noites em sua casa. Não queria ser lembrada de que estava a ameaçar a primeira relação que Nurian tinha desde há décadas devido à recordação de um homem que se fora

havia essas mesmas décadas. Já sabia disso, mas não conseguia explicar o motivo por que não era fácil aceitar o Senhor Rothvar nas suas vidas.

Daemonar e Titian, os dois filhos mais velhos de Yaslana, apareceram a correr, de varas de luta em riste, e dirigiram-se a eles.

— Fiquem junto à casa e procedam ao aquecimento de combate. — O tom gentil de Yaslana não diminuía a força da ordem.

— Mas, Papá... — ainda disse Daemonar. A expressão no rosto do pai silenciou-o. — Sim, senhor. — Olhou, preocupado, para Jillian e serviu-se de um fio de comunicação psíquica para lhe perguntar: *Estás em apuros?*

Não. Pelo menos julgava que não.

— Vamos falar — repetiu Yaslana, inclinando a cabeça para indicar o extremo do pátio, onde um regato da montanha enchia uma pequena piscina, de onde a água se derramava e prosseguia viagem até ao vale.

Yaslana seguiu Jillian, que ficou hirta e estacou quando a mão dele lhe agarrou o cabelo solto, qual trela.

Yaslana debruçou-se sobre o ombro dela e Jillian contraiu as asas.

— Escuta-me, feiticeirazita — disse ele baixinho. — Estás a ouvir?

— Sim, senhor.

— Se o Rothvar alguma vez te levantar a mão num acesso de fúria, se ele fizer alguma coisa que seja menos própria, esfolo-o.

As palavras entusiasmaram-na — e aterrorizaram-na. Lucivar Yaslana não dizia nada que não fosse verdadeiro.

— Mas ele é o seu segundo-comandante — protestou Jillian. Com a Joia Verde, Rothvar era o mais poderoso Senhor da Guerra eyrieno e o segundo macho eyrieno mais poderoso a viver em Ebon Rih.

— Não importa.

O coração de Jillian batia desenfreado. O Príncipe Falonar fora o segundo-comandante de Yaslana antes de tentar assumir o controlo do vale para se tornar o Príncipe dos Senhores da Guerra dominante. Quando os seus seguidores foram derrotados, ele fora despachado para a corte de uma Rainha rihlander, tendo desaparecido pouco depois.

— Julgo que o facto de o Rothvar estar a passar tempo com a tua irmã, estar a passar tempo em vossa casa, despertou memórias que te estão a causar problemas — aventou Yaslana.

— O Senhor Rothvar não fez nada de mal — murmurou Jillian. — Ele não é o Príncipe Falonar.

— A tua cabeça reconhece a diferença, mas a tua pele e as tuas costas lembram-se das vergastadas, e o teu coração lembra-se da dor. Vais

demorar a confiar no Rothvar porque as coisas azedaram quando o Falonar se tornou amante da Nurian e julgou que tinha o direito de te controlar. Não faz mal que tenhas cautela. Só quero que saibas que se o Rothvar te magoar, seja como for, ele terá de lidar comigo. — Yaslana soltou-lhe o cabelo e recuou. — Claro que se julgas que isso te permite agir como uma fedelha mimada para lhe atormentares a existência, fica a saber que não hesito em fazer-te ganhar juízo com umas valentes palmas no rabo.

Falava a sério. Em relação a tudo.

— Não me parece que seja aí que esteja o juízo — replicou ela, procurando aligeirar a situação.

— Nem imaginas o juízo que se ganha quando nos dói ao sentar — retrucou Yaslana num tom seco. Depois ofereceu-lhe um sorriso indolente e arrogante que a deixou de nervos à flor da pele. — Vamos recapitular as regras.

Fosse outra pessoa a dizê-lo e ela teria revirado os olhos, mas tratava-se do Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih, que usava Joias Ébano-Acinzentadas, o que o tornava o macho mais poderoso do Território de Askavi — e o segundo macho mais poderoso de todo o Reino de Kaeleer. *A ele*, ninguém revirava os olhos.

— Eu conheço as regras — asseverou ela.

— Nesse caso, não terás problemas em repeti-las. — O sorriso endurecera, alertando-a para o facto de que ele ignoraria todos os seus deveres e ficariam ali o dia inteiro, caso fosse necessário, até que ela lhe respondesse.

Jillian suspirou.

— Olhar é dizer. Tocar é dizer. Permissão antes da ação. — Esta regra deixou-a inquieta, pois ela quebrara-a, mas só um pouco. E não tivera intenção disso. Não propriamente.

Se dissesse alguma coisa agora, após o facto, Tamnar ficaria em apuros, e ele não merecia a fúria de Yaslana. Não por algo que mal quebrara as regras.

Jillian mirou-o e interrogou-se se ele já saberia acerca da regra quebrada ao de leve.

— Queres dizer-me mais alguma coisa? — perguntou Yaslana.

— Não, senhor — apressou-se ela a responder. Demasiada celeridade?

Yaslana olhou-a até que Jillian ficou com vontade de se contorcer, e depois disse:

— O que fazes, se alguém te tentar magoar?

Fizera essa mesma pergunta décadas antes, quando descobrira que Falonar a amarrara, pelo que ela usou a mesma resposta.

— Dou-lhe um pontapé nos tomates.

Yaslana soltou um fôlego que poderia bem ter sido uma gargalhada.

— Antes disso.

Jillian fingiu ponderar.

— Ergo um escudo defensivo à minha volta e grito por si?

— Correto. E depois, feiticeirazita, lutas com quantas forças tiveres até eu chegar a ti. Compreendes?

— Sim, senhor.

Yaslana olhou na direção da casa.

— Tomaste o pequeno-almoço?

— Não, senhor.

— Então vai comer. — Com um gesto do queixo indicou Daemonar e Titian, que voltavam à casa. — Podes treinar depois das aulas.

Jillian virou-se para a casa, ao que hesitou.

— Trouxe mais um frasco de tónico para a Senhora Marian.

— Ficamos agradecidos.

Jillian deu um passo e sentiu-se acometida por uma qualquer sensação — um calor que lhe intumescceu os mamilos, que lhe deixou a zona entre as pernas quente e a formigar. O calor era quase um cheiro no ar. Pura inebriação, qual néveda para fêmeas humanas.

Sabia o que era — não porque já o tivesse sentido, mas porque Nurian lhe falara disso quando ela se interrogara quanto ao motivo por que havia mulheres com comportamentos... estranhos... quando Yaslana e Marian assistiam a uma peça, ou compareciam a algum outro acontecimento público.

— Jillian? — Yaslana parecia confuso e, talvez?, circunspeto.

Jillian ofereceu-lhe um sorriso distraído e correu para a casa.

Tensão sexual. Fazia parte da natureza de um Príncipe dos Senhores da Guerra, algo que ele podia controlar até certo ponto, mas que estava sempre presente, um chamariz concebido para atrair fêmeas, pois os Príncipes dos Senhores da Guerra eram homens perigosos, voláteis e agressivos que nasciam para estar no campo de batalha. Eram a arma viva de uma Rainha. Um homem assim era temido, mas um homem assim também precisava de uma maneira de manter uma mulher com ele que lhe desse prole e lhe garantisse a descendência da linhagem.

Nurian dissera que os Príncipes dos Senhores da Guerra controlavam o mais possível a tensão quando não se encontravam com as amantes que

havam escolhido, mas o calor ainda emanava deles, envolvendo todos, produzindo uma espécie de odor que fazia com que as mulheres se sentissem femininas — e desejáveis. Mas essa tensão controlada não era um convite para o sexo, nem um indicador de interesse carnal, tal como o cheiro do sangue da lua não era um convite para atacar uma mulher durante os dias em que ela se encontrava vulnerável e não era capaz de usar o reservatório de poder nas suas Joias para se defender.

Quando chegou à casa, Jillian olhou para trás. Yaslana executava os movimentos do aquecimento — uma visão maravilhosa. Era, todo ele, um *homem*.

Jillian pestanejou, sentindo as faces a arder com a vergonha de pensar tal coisa. Ele era *Yaslana*, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Ela trabalhava para a esposa dele. E, até então, *nunca* pensara tal coisa acerca dele.

Até agora, quando sentira pela primeira vez a tensão sexual. *Ele* não estava diferente de ontem. Fora *ela* que mudara. Os Príncipes dos Senhores da Guerra só captavam o cheiro do sangue da lua depois de chegarem a um determinado nível de maturidade durante a adolescência, pelo que ditava a lógica que também seria preciso um certo nível de maturidade física para que uma rapariga — uma *mulher* — reagisse à tensão sexual de um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Mulher.

Jillian sorriu.

O crescimento dos seios e o sangue da lua eram sinais garantidos de que uma rapariga se estava a tornar uma mulher. Sentia que naquele dia alcançara mais uma marca importante.

Chegou então à cozinha e ao barulho e caos que compunham as manhãs na casa de Yaslana, não voltando a pensar nesse homem durante o resto do dia.

Lucivar executou uma segunda vez o aquecimento, aumentando a velocidade dos movimentos. Regra geral estaria na cozinha, a ajudar Marian com o pequeno-almoço dos filhos e a prepará-los para as aulas. Mas há alguns minutos apercebera-se de algo em Jillian que o mantivera ali fora.

A jovem corria-lhe pela casa desde que Nurian assinara um contrato de serviço com ele, havia décadas, e fora para Ebon Rih, dizendo que a

irmã mais nova, Jillian, era sua dependente. Ocupado a instalar os adultos eyrienos, não sabia ao certo quando Jillian se tornara «ajudante» de Marian a cuidar de Daemonar. O filho mal andava na altura — uma amostra, em constante movimento, de arrogância e energia — e a presença de Jillian a vigiar o monstinho permitira a Marian tratar do seu trabalho.

Não demorou muito para que deixasse de ver a menina como dependente de alguém. Era verdade que ia para casa quase todas as noites, mas passava tanto tempo no seu lar que se tornara sua, alguém que ele protegeria — uma filha honorária, tal como o pai fora tio honorário da maioria das Rainhas de Território em Kaeleer.

Interrogava-se agora se isso poderia vir a revelar-se um problema.

A potência da tensão sexual estava associada ao poder que corria nas veias e que fazia dos Sangue quem eram e o que eram. Quando mais escuro o poder de um Príncipe dos Senhores da Guerra, mais potente a energia. Fazia um certo sentido, de modo a preservar as linhagens mais escuras e a manter uma mulher interessada tempo suficiente para conceber um bebé e aguentar os anos que decorriam até que os direitos paternais em relação a esse filho fossem formalmente concedidos. Claro que, à parte essa situação, a atração sexual podia ser extremamente inconveniente, já que um homem libertava a tensão para seduzir uma amante e poder dar-lhe um bom momento, mas, mesmo controlada, dava-se o caso de criar demasiado interesse indesejado em outras mulheres.

Ao contrário do irmão Daemon, que seduzia tudo e todos pelo simples facto de percorrer uma divisão, ele nunca tivera de lidar com muito interesse unilateral por um motivo muito simples: tinha a reputação de ser violento e perverso na cama — uma reputação conquistada quando fora escravo em várias cortes de Terreille. As narrativas sobre como ele maltratara as Rainhas que o haviam tentado usar chegaram a Kaeleer levadas pelos que emigraram para o Reino das Sombras. Isso havia-o tornado mais temido do que outros Príncipes de Senhores da Guerra. As mulheres apreciavam a tensão quando ele passava, mas também ficavam gratas por ele ter esposa e não olhar para mais ninguém.

Jillian não o temia, e isso podia revelar-se um problema. Esperava que ela conseguisse aceitar a tensão sexual como sendo algo que sempre havia estado presente, mas em que só agora reparara, ignorando-a como haviam feito as Rainhas que pertenciam ao círculo de Jaenelle Angelline. Se a jovem não fosse capaz de a ignorar, ele teria de lhe barrar a entrada em sua casa, de modo a impedi-la de cometer um erro fatal.

Viu Jillian, Daemonar e Titian voarem a caminho do edifício onde o Senhor Endar ensinava as crianças eyrienas.

Lucivar fez desaparecer a vara de combate, cruzou o pátio e entrou.

Marian — a sua esposa, amiga e parceira, bem como o amor da sua vida — sorriu quando ele entrou na cozinha. Serviu uma caneca de café e entregou-lha.

— Não estiveste ao pequeno-almoço. E perdeste o caos.

— Reparaste como as coisas estiveram bem mais calmas na semana passada, quando o Daemonar foi visitar o tio? — perguntou Lucivar.

— Acho que todos em Riada se aperceberam da calma — replicou Marian. — Mas ele é teu filho, não é verdade?

— Tiveste que ver com a presença dele aqui — protestou Lucivar.

— Não dessa parte. Isso é tudo teu.

Não havia como argumentar. O filho estava a crescer para se tornar um formidável — ou seja, irritante — Príncipe dos Senhores da Guerra, cuja Joia Verde de Direito por Progenitura quase se equiparava, em termos de força, à da Joia Verde de patente de Rothvar.

— Guardei-te um prato de comida — disse Marian. Depois franziu o cenho. — Lucivar?

Ela insistia que estava bem, mas desde o nascimento de Andulvar ainda não recuperara nem as forças nem a energia. Lucivar sabia que ela não gostava da falta de entusiasmo por sexo da parte dele e começara a interrogar-se se ele deixara de a considerar atraente, o que não podia estar mais longe da verdade, além de ser risível. Havia noites em que ele a queria desesperadamente, mas, mesmo quando era gentil e cuidadoso, o ato de amor parecia devorar-lhe a força.

Lucivar insistira que ela procurasse a Curandeira que servia a Rainha de Amdarh, a capital de Dhemlan. A Curandeira da Senhora Zhara não encontrara uma causa para a recuperação do parto mais lenta do que o habitual. À semelhança de Nurian, a Curandeira de Zhara concordara tacitamente que algo não estaria bem, mas nenhuma delas encontrara nada de errado. E Marian insistia que estava a melhorar, pelo que não havia grande coisa que ele pudesse fazer — e a única pessoa cuja opinião faria alguma diferença morrera havia anos.

Não obstante, com Marian a sentir-se melindrada quanto à sua atividade sexual limitada, ele precisava de lhe contar acerca de Jillian.

— A Jillian sentiu a tensão sexual quando estávamos a falar lá fora. — As palavras eram como vidro partido a rasgar-lhe a garganta.

Marian pousou o prato na mesa e lançou-lhe um olhar confuso.

— Ela está a crescer, Lucivar. Mais cedo ou mais tarde teria de acontecer. — Fez uma pausa. — Foi por isso que chegou tão cedo?

Lucivar abanou a cabeça.

— Isso foi por causa do Rothvar. O facto de ele estar a partilhar a cama da Nurian atçou as recordações do Falonar.

— *Esse.*

A sua querida feiticeira doméstica não costumava carregar a voz com tanto veneno. Claro que Falonar fizera com que ele estivesse sozinho num campo da morte contra todos os Senhores da Guerra que queriam que Falonar governasse Ebon Rih. Não se preocupara com o seu aspeto depois do combate, não pensara na reação de uma esposa ao ver o marido ensopado no sangue dos inimigos.

Ainda bem que a criatura desaparecera depois de ser enviada para a corte da Senhora Perzha.

— Pois, mas o Falonar só magoou a Jillian depois de se tornar amante da Nurian, pelo que ela vai levar o seu tempo para aceitar que ocupar esse lugar não vai fazer com que o Rothvar mude e tente controlá-las, a qualquer uma delas — explicou.

— O Rothvar terá de ser paciente com ela... e tu também.

As palavras eram como um pequeno estalo, mas era um golpe que não podia passar sem resposta.

Lucivar ofereceu à esposa o seu sorriso indolente e arrogante.

— Quando o Daemonar sentir o cheiro do sangue da lua e se tornar mandão, eu lembro-te de teres paciência.

Ela parecia um coelhinho que se deparara com uma alcateia de lobos.

— Bem, terás de explicar as coisas.

Ela pareceu tão desorientada — e consternada ao pensar em *dois* Príncipes de Senhores da Guerra a atazaná-la — que Lucivar pousou o café para a tomar nos braços e dar-lhe um beijo longo e carinhoso.

— Não te preocupes — descansou-a, com um sorriso. — Prometo que explico *tudo*.

CAPÍTULO DOIS



Sentado na borda da cama da filha, Daemon Sadi, Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, detentor de uma Joia Negra, virou a última página do livro e disse:

— E viveram felizes para sempre.

Porque tinham bife, concluiu Khary.

Daemon mirou os companheiros peludos que se haviam juntado à filha para a história da noite — o jovem Senhor da Guerra sceltie que falara e a ainda mais jovem feiticeira sceltie, que se limitava a abanar-lhe a cauda.

— Sim — retorquiou ele num tom seco. — Viveram felizes para sempre porque tinham bife.

— E bolo.

Olhou então para a filha, que lhe entretinha a mente e lhe alegrava o coração. Jaenelle Saetien tinha o cabelo preto e os olhos dourados típicos das raças longevas, mas a pele era mais afim do castanho-claro da mãe do que do seu tom castanho-dourado, e tinha as orelhas delicadamente pontiagudas da raça Dea al Mon. Com efeito, salvo pelos olhos — os olhos de Surreal eram verde-dourados e um tudo-nada desproporcionais —, Jaenelle Saetien era extremamente parecida com Surreal com a mesma idade.

— E bolo — concordou. Reconhecendo a intenção dela, fez desaparecer o livro e atacou primeiro, fazendo cócegas a Jaenelle Saetien e levando-a a guinchar de prazer enquanto os scelties ladeavam e saltavam na cama.

— Tinham bolo com cobertura de creme de manteiga decorado com montes de flores cor-de-rosa e azuis. — Que era o bolo preferido da sua menina.

Aliviou as cócegas para a deixar recuperar o fôlego — e ela atacou-o, tal como esperava. Pai dedicado que era, caiu para trás para lhe dar a vez. Claro que a posição também serviu de convite aos scelties para lhe saltarem para cima. Felizmente foi Morghann, o mais pequeno dos dois cães, que lhe assentou uma pata nas partes antes de ele pensar em proteger essa zona.

— Rendo-me — riu-se ele. — Desisto.

Jaenelle Saetien deitou-se em cima do pai, ficando quase nariz com nariz. Morghann tinha um pedaço da manga do casaco entre os dentes, qual pequeno prémio, e Khary, que recentemente tivera a sua Cerimónia de Direito por Progenitura e usava agora uma Joia Opala escura, estava atrás da cabeça dele, mirando-o.

— Papá?

— Sim, feiticeirazinha?

— Não te apetece bolo?

Ah. Então era este o objetivo.

— Os bolos decorados são para ocasiões especiais.

— Mas agora tenho uma Joia especial.

Era verdade. Uma Joia sem igual. Uma Joia que fora criada especialmente para ela pela Rainha que fora, e sempre seria, o amor da vida dele. Mas orientar uma jovem feiticeira com uma Joia como o Despertar do Crepúsculo tinha as suas responsabilidades — obrigações não só como pai, mas também como Príncipe de Senhores da Guerra. Havia fronteiras que podiam ser erguidas gentilmente, mas teriam de ser criadas.

— Tens uma Joia especial, é verdade, e celebrámos quando a recebeste. Se bem me lembro, na altura, a Senhora Beale fez um bolo enorme, com montes de cobertura de creme de manteiga. — Sentia as cáries a formarem-se só de pensar nessa cobertura.

Claro que esse bolo fora parcialmente responsável pelo facto de ele e Lucivar terem tido de lidar com crianças excitadíssimas durante a festa em causa. Mas não que ele alguma vez o admitisse à feiticeira de Joia Amarela que era sua cozinheira no Paço.

— Mas isso foi há uma eternidade — protestou Jaenelle Saetien.

Umás semanas. Mas até uma filha das raças longevas media o tempo de maneira diferente dos adultos.

— Imagino que tenhas pedido à Senhora Beale que fizesse um bolo.

— Ela disse que já tinha elaborado as ementas para a próxima quinzena, e nas sobremesas não constava bolo.

— Aí tens...

— Mas se *tu* lhe dissesse que fizesse um bolo, ela fazia um bolo.

Sempre que a Senhora Beale decidia que tinha algo a discutir com ele levava o cutelo bem afiado para a reunião — e embora ela usasse Amarelo e ele Preto, mesmo que não o admitisse a mais ninguém, ele sentia uma pontada de medo ao ter de lidar diretamente com ela. Preferia falar com Beale, o Senhor da Guerra de Joia Vermelha que era Administrador do Paço, além de marido da Senhora Beale, sempre que solicitava um prato específico ou um petisco especial.

— É possível — concordou —, mas, tal como te frisei e tu já sabias, esses bolos são para ocasiões especiais.

— Mas, Papá...

— Não. — Daemon beijou-lhe a face para atenuar a palavra e depois sentou-se, levando-a consigo, e arrastando também Morghann, pois a sceltie não lhe largava a manga.

Depois de convencer os cães a aninharem-se nos respetivos cestos e de aconchegar a filha para a noite de sono, Daemon percorreu o corredor até ao seu quarto para se despir antes de bater à porta que ligava os seus aposentos aos de Surreal. Quer fizessem sexo, fizessem amor ou apenas se enroscassem um pouco antes de dormir, ele passava o grosso das suas noites na cama dela. Na cama dela, com as regras dela — sendo ele o amante que tinha o privilégio de lhe dar prazer.

Enquanto Príncipe dos Senhores da Guerra precisava de um quarto próprio, uma cama onde dormir, onde repousar, onde estar sozinho. Dormia nesse quarto sempre que Surreal ficava na casa de cidade em Amdarh ou quando visitava uma das outras propriedades da família no papel de segundo-comandante dele. Daemon não sentia a necessidade, nem o desejo, de se afastar dela quando se encontrava em casa. Ademais, privá-la do seu corpo seria uma quebra da promessa que lhe fizera de ser seu marido em todos os aspetos.

A gravidez dela não fora planeada, nem sequer esperada — resultara do conforto prestado mutuamente na noite em que o pai dele morrera. O casamento tivera mais que ver com ele não a deixar partir com a filha do que com uma paixão fervorosa. Mas amavam-se à sua maneira desde há décadas, como amigos e parentes, e Surreal compreendera — e aceitara — que ele nunca amaria mais ninguém com a força e a paixão com que amara,

e ainda amava, Jaenelle Angeline, o mito vivo, os sonhos tornados carne. Feiticeira. A Rainha dele.

Surreal conheceu Jaenelle, fora amiga e irmã da mulher e espada e escudo da Rainha. Estivera presente durante todo o primeiro casamento dele, assumindo a posição de segundo-comandante para lhe dar tanto tempo quanto possível com Jaenelle, pois a esperança de vida de uma Feiticeira contara-se em décadas, não em séculos. E estivera presente no ano de luto que se seguiu, e nos anos após isso.

Mas mesmo depois de ele e Surreal se terem casado, houvera sempre uma distância entre eles, uma circunspeção. Haviam sido amigos, amantes, parceiros, pais. Mas até à Cerimónia de Direito por Progenitura, até que ela reconheceu formalmente a paternidade e lhe concedera direitos irrevogáveis sobre a filha, essa distância, essa circunspeção, haviam estado sempre presentes. Agora...

A porta abriu-se. Surreal entrou no quarto. O quarto *dele*.

— Deitaste-os? — perguntou ela.

Quando ele se virou para a encarar, houve algo no seu íntimo que se desconstruiu, que intumescceu. Que desabrochou num desejo inebriante e sombrio.

Minha. Olhou-a, ali no *seu* quarto, com uma camisa de noite verde comprida, com fios de ouro entretecidos — vestes que tanto o convidavam — e sentiu essa palavra a preenchê-lo até não haver mais nada. *Minha*.

— Sadi?

Ele queria jogar. Ah, como ele queria jogar. E ela também. Caso contrário, porque estaria naquele quarto? No quarto *dele*, onde não era um convidado. Onde não havia limites para o que podia ou não fazer.

Mas tinha de haver opção. Sempre uma escolha.

— Daemon?

Serviu-se da Arte para fechar a porta atrás dela. Mas não por completo. Ainda não.

— Queres jogar? — ronronou ele, acercando-se lentamente. Acossando-a.

— Ora vejam só como tu estás.

Surreal não conseguiu manter o sorriso impertinente quando a tensão sexual dele, liberta de qualquer contenção, a envolveu, quando ele se aproximou, a boca tão perto do canto da dela que provavelmente acreditaria que ele a estava a tocar. Mas ele não a estava a tocar, não lhe tocara até que ela fizesse a sua escolha.

— Queres ficar aqui esta noite e jogar? Ou queres voltar para o teu quarto e dormir sozinha?

Se não ficasse ali, ele não iria com ela, não poderia ser um convidado polido na cama dela. Não naquela noite. Não com ele sem se conter. Não ao sentir — ao sentir realmente — que a mulher, tal como a menina, era sua, e com a mulher não estava interessado em fazer amor, nem sequer sexo. Não naquela noite. Aquela noite era sobre posse, fazer-lhe o corpo cantar de uma maneira que lhe dissesse que já não havia barreiras entre eles, que finalmente lhe daria tudo o que era.

Mas só se ela fizesse essa escolha.

— Queres jogar? — voltou a ronronar.

Nervos. Entusiasmo. Excitação apimentada com um toque de receio quanto ao que ele pretendia fazer.

Delicioso.

— Ficas ou vais? — murmurou ele.

Os mamilos duros de Surreal forçavam o tecido delicado. Daemon cheirou o calor húmido da necessidade entre as pernas dela.

— F-fico.

A porta fechou-se. A tranca fez-se ouvir. Ela estremeceu quando as pontas dos dedos dele lhe roçaram ao de leve na pele.

A boca dele tocou a dela num beijo tão deliciosa e maliciosamente gentil que Daemon teve de lhe lambe as lágrimas das faces antes de prosseguir.

Quando finalmente a deitou na sua cama, ela gemeu com a necessidade do toque — e ele concentrou toda a sua essência em dar-lhe prazer ao corpo antes de se dedicar ao prazer do seu.

Minha.

Os olhos de Surreal abriram-se de repente. O coração saltava-lhe de tal maneira no peito que receou que o som acordasse o homem que dormia a seu lado.

Não queria acordar — ou despertar — o homem que dormia a seu lado.

Mais do que qualquer outra coisa, naquele momento queria sair daquele quarto.

Virou-se de lado, aproximando-se da beira da cama, e aguardou. Não houve uma mão a agarrar-lhe a anca de repente. Um braço que a puxasse

de volta. Uma cabeça que se levantasse da almofada para a olhar. Uma voz grave e sonolenta a perguntar-lhe aonde ia.

Tirou os pés de baixo dos cobertores, depois as pernas até aos joelhos. Rolou mais um pouco e saiu da cama, acorrou-se ao lado do colchão, à espera.

Daemon ainda dormia.

Manteve-se acorada, pois tinha a certeza de que uma figura ereta no quarto o despertaria de imediato e o levaria a entrar num ímpeto assassino, e dirigiu-se à porta.

Por favor. Doces Trevas, por favor, que a porta se abra. Que a barreira que ele criou na porta e em todo o quarto já se tenha desvanecido.

Girou a maçaneta. A porta abriu-se, oferecendo um sopro de ar mais fresco, quando comparado com o cheiro saturado de sexo presente no quarto.

Entrou no seu quarto e fechou a porta. Era tentador colocar uma tranca Cinzenta na porta, dispor escudos por todo o quarto. Mas uma tranca Cinzenta não o deteria. Deixá-lo-ia curioso ou preocupado — ou até furioso —, mas não o deteria.

Correu para a casa de banho, ergueu um escudo aural para abafar o som da água e depois tomou um longo duche quente. Tremia ao lavar o cabelo, ao esfregar o corpo, ao deixar que a água quente lhe relaxasse os músculos doridos e contraídos.

O quarto de um Príncipe dos Senhores da Guerra é o seu palácio privado, e ele tende a ser mais possessivo quando lá se encontra.

As palavras de Jaenelle Angelline, proferidas há décadas, tanto como instruções como à laia de aviso.

Surreal sabia bem o que era possessão. Na primeira noite em que havia feito sexo com ele, na noite em que haviam concebido Jaenelle Saetien, tinham acabado no quarto dele, na cama dele, e ele fora... mais do que Daemon, mas não exatamente o Sádico. Vogara uma faceta da natureza dele que se encontrara algures entre os dois — e a forma como ele a tomara naquela noite fora profundamente excitante.

O sexo desde então fora avassalador e maravilhoso e melhor do que tudo o que já experienciara, mas nem sempre chegara ao ponto de ser profundamente excitante.

Mas na véspera...

O que fizera para o provocar a fazer o que fizera na véspera? A ser o que fora na véspera? Ela reconhecera o olhar vítreo nos olhos dourados.

Sabia quem lhe controlara o corpo e brincara com ela até se sentir a afogar num prazer terrível que deixava a mulher deliciosamente satisfeita num momento e a ansiar pelo toque seguinte, pelo clímax permitido seguinte com uma necessidade aguda e desesperada.

Estivera na cama com o Sádico — e isso aterrorizara-a. A *ela*, a mais bem remunerada prostituta nas casas da Lua Vermelha de Terreille, bem como uma das melhores assassinas desse Território. Havia décadas que não era prostituta, desde que emigrara para Kaeleer, mas ainda mantinha todas as suas facas bem afiadas — e por vezes, com grande discrição, usara-as.

Nem todas as suas capacidades serviriam de nada contra um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra. Nem todas as suas capacidades serviriam de nada contra o Sádico.

Vinham a dar-se muito bem desde a Cerimónia de Direito por Progenitura. Algo em Daemon relaxara, uma reação comum quando um homem recebia os direitos legais sobre o seu filho. Ela desconfiava que essa descontração também assentava no breve encontro de Daemon com algum aspeto da Feiticeira que concedera à filha uma Joia extraordinária.

Alguns dias depois da Cerimónia, ele dissera «Eu amo-te» pela primeira vez, palavras que lhe aqueceram o coração, que lhe garantiam que ele queria continuar casado com ela.

Agora...

Fechou a torneira, envolveu o cabelo com uma toalha grande e secou-se com outra.

Não podia tirar Jaenelle Saetien da escola, nem afastá-la das aulas diárias de Arte e Protocolo que a menina iniciara com Daemon, mas *ela* podia ausentar-se por uns dias, podia servir-se da desculpa de ir averiguar o estado das outras propriedades da família. Não havia nada de invulgar quanto a isso. Nada que levantasse suspeitas ou que levasse Daemon a fazer perguntas.

Daemon.

Agarrou-se ao lavatório enquanto recordava a sensação das mãos dele, a sensação da boca dele, a sensação do membro dele dentro dela, a mover-se no seu íntimo...

Chegara ao clímax. Não era suficiente. Aquela necessidade profunda e desesperada regressara.

Não fora Daemon. Fora o Sádico que lhe fizera aquilo.

Tinha de se afastar dali de modo a perceber porquê.

Meio acordado, Daemon estendeu o braço sobre a cama. Sem que a mão encontrasse o corpo quente que procurava, virou-se de costas e esfregou o rosto.

Mãe Noite.

Não fazia sexo assim, não se *oferecia* para dar sexo assim desde... Bem, não fazia sexo assim desde a última vez que Jaenelle Angelline aceitara o seu convite para jogar. Nunca imaginara que alguém, nem mesmo Surreal, se dispusesse a tais jogos de possessão com ele, sabendo que estaria a salvo. Nunca imaginara que voltasse a amar alguém tão profundamente para voltar a esses jogos.

Na primeira vez que vira a Feiticeira no seu quarto e reagira assim a ela, o pai explicara-lhe algumas coisas sobre a natureza dos Príncipes dos Senhores da Guerra que ele não sabia.

«Isso é emocional — e é mais sombrio, mais perigoso, quando acontece. É a emoção de ser temido enquanto seduzimos a nossa amante até ao ponto de ela não querer recusar. E, ao mesmo tempo, é o conforto de poder revelar esse lado da nossa natureza a uma amante e sabermos que ainda confiam em nós... É um potencial para a violência que é transformado numa espécie de gentileza implacável... Faz parte da tua natureza. Faz parte da tua casta. Está em todos nós... Distorcemos uma parte nossa que se torna uma arma poderosa, aprimorada ao ponto de cada um ter um nome diferente para ela.»

Aquilo que se desenrolara no quarto dele na véspera fora o Sádico na sua forma mais atenuada. O Sádico enquanto amante. Algo que nem se aproximava do que ele era quando deixava que esse seu aspeto sombrio e letal se escapasse à amarra. Mas toda essa sabedoria particular, essa capacidade, envolta no veludo do amor, podia dar um prazer inaudito a uma mulher como nada mais conseguia fazer.

Não devia ter ficado surpreendido por Surreal ter aceitado o seu convite. Depois de ela ter feito a sua escolha, pois aquele jogo tinha de ser aceite por vontade própria, ele mostrara-lhe o que era sem as barreiras que mantinha entre os dois — barreiras criadas para a proteger, pois julgava que eram necessárias. Na véspera, ela mostrara-lhe que estivera errado quanto a isso.

Uma rápida sonda psíquica localizou o Cinzento, pelo que se levantou da cama, vestiu um roupão e abriu a janela para deixar o quarto a arejar antes que o criado pessoal, ou qualquer outra pessoa, ali entrasse.

Atou o cinto do roupão e entrou no quarto de Surreal, ao que se deteve, chocado, quando o odor psíquico dela lhe chegou.

Surreal SaDiablo, feiticeira de Joia Cinzenta e assassina, sua esposa desde há quinze anos, tinha medo dele. Receava-o verdadeiramente. Por causa da noite anterior.

Mas... Ela fizera a escolha. Ela aceitara o convite para jogar. E caso se tivesse sentido desconfortável em qualquer momento, ela poderia ter interrompido o jogo com uma palavra. Uma única palavra.

— Surreal.

Ela ofereceu-lhe um sorriso débil.

— Está na altura de verificar as outras propriedades. Pretendia sair cedo e não te queria acordar.

Daemon lia-lhe o corpo, sabia que ela tinha o coração aos saltos e a respiração era superficial.

Na véspera, ele sentira essa posse sombria, soubera que a mulher era sua e, igualmente importante, que ele era dela. E mostrara-lhe quem ele era — uma verdade que só mostrara a uma outra mulher.

Mas, ao contrário de Jaenelle Angelline, que aceitara tudo o que ele era, Surreal vira a verdade e agora receava-o. Oh, ela temera-o em outras ocasiões, e com bons motivos para tal. Mas não ali. Não em casa deles. Não na cama dela.

Só que não haviam estado na cama dela. Tinham estado na dele, o que, para um Príncipe dos Senhores da Guerra, marcava a diferença. Oh, sim, marcava toda a diferença.

Manteve a voz gentil, não se aproximou dela.

— Tomas o pequeno-almoço comigo antes de saíres?

Surreal hesitou um segundo a mais.

— Claro, meu querido. Dá-me uns minutos para acabar de fazer as malas e vou ter contigo lá abaixo.

Daemon retirou-se para o seu quarto e fechou a porta. Tomou um duche rápido, mas meticoloso, reconhecendo que qualquer odor a sexo a perturbaria naquele momento.

Talvez sair dali a ajudasse, talvez lhe desse tempo para perceber que não passara de um jogo, que ele teria parado assim que ela lho pedisse. Mas ela não pedira. Ele *sabia* que ela não pedira. Tal como sabia que o Sádico, no seu papel de amante, sabia exatamente onde se encontrava a linha dela entre o prazer intenso e a dor verdadeira, sem nunca, jamais, a ter atravessado.

Não obstante, ao invés de lhe dar prazer, ele assustara-a. O facto de ela

se ausentar por uns dias talvez fosse positivo. Se não se dissipasse, o medo dela tornar-se-ia um muro entre os dois.

Ao vestir-se fez por restaurar os controlos sobre o seu temperamento, sobre o seu poder, sobre o Sádico e sobre a tensão sexual. Mas, na véspera, algo no seu íntimo crescera, florescera, e quando tentou voltar a impor a restrição à tensão sexual, foi como se tentasse vestir uma camisa que devia servir, mas estava um tudo-nada apertada.

Não era dia para aliviar o controlo sobre a tensão, pelo que apertou impiedosamente a grilheta tal como se encontrara na véspera, ignorando a pontada de dor que adveio do estrangulamento excessivo de uma parte de si.

Depois de reprimir o mais possível cada parte sua, Daemon desceu para tentar reconfortar a esposa antes que ela fugisse da casa deles.

CAPÍTULO TRÊS



O Senhor Dillon encontrou uma alcova debilmente iluminada atrás de um cortinado junto ao salão de baile principal. Entreabriu a janela para deixar entrar algum ar fresco e concedeu-se um breve momento de tranquilidade antes de regressar aos sons fortes e, por vezes, incómodos dos instrumentos e das vozes, ao fulgor das joias e das Joias e dos vestidos e das mulheres. Uma normal festa aristocrata numa cidade de Rihland. Nunca saíra do Território de Askavi — pelo menos ainda —, mas imaginava que as festas aristocráticas fossem sempre parecidas em todas as cidades dos Sangue do Reino de Kaeleer.

Talvez o devesse descobrir. Não havia motivos para ficar em Askavi e tinha muitas razões para partir.

Se me amasses...

Fora aos dezanove anos de idade que fizera a Dádiva às Trevas e obtivera a Opala como sua Joia. Estava no seu segundo ano de formação para servir como acompanhante na corte de uma Rainha e ainda lhe faltava um ano de estudo. Muitos jovens recebiam a formação em cortes de Distrito enquanto serviam no Terceiro ou no Quarto Círculos. Os jovens não recebiam pelos serviços, mas davam-lhes cama e alimentação, o que era considerado compensação suficiente. Contudo, o pai quisera que ele estudasse numa escola, afirmando que os acompanhantes que serviam numa corte e eram responsáveis pela formação dos jovens minavam, por vezes, os potenciais rivais pela atenção da Rainha. Era preferível receber formação numa

escola e dispor da finura necessária para ser convidado para um Segundo Círculo e ascender com muito mais celeridade a uma posição importante.

Ele não quisera saber de uma ascensão rápida pelos níveis de uma corte. Quisera a aventura de partir. O pai desejava que ele fosse para a escola, ele assim fez, e, num dos bailes que davam aos acompanhantes-formandos a possibilidade de ganharem experiência, ele conhecera a Senhora Blyte. Filha de um Senhor da Guerra e de uma feiticeira cujas linhagens eram mais aristocratas do que a pretensão modesta da família dele, a jovem era dois anos mais velha e ele sentira-se lisonjeado por ter sido escolhido para uma segunda dança.

Na altura não se apercebera de que ela o escolhera porque não esperava que lhe levantasse problemas quando ela se fartasse e o descartasse.

Sentira-se deslumbrado da primeira vez que ela o beijara — embora, na altura, acreditasse que fora ele a iniciar o primeiro beijo. Acreditara que iniciara bastantes situações — até que ela começou a querer coisas que não lhe prejudicariam a reputação, mas que manchariam a dele. Escusara-se da primeira vez que ela o tentara levar para a cama, não por não querer fazer sexo, mas porque um dia tencionava servir no Primeiro Círculo de uma Rainha, uma posição que exigia a confiança última não só da Rainha, mas também do Camareiro, do Guarda-Mor e do Consorte.

Um homem que lesasse a sua honra e respeitabilidade fazendo sexo fora do leito nupcial nunca receberia tal confiança em lado nenhum, a não ser no mais reles tipo de corte, onde a confiança e a honra podiam ser compradas e vendidas.

Claro que a maioria dos jovens de boas famílias recebiam algum tipo de instrução sexual, já que aprender a ser um bom amante era considerado essencial para um homem que quisesse servir como consorte na corte de uma Rainha ou que quisesse dar prazer a uma esposa. Os homens assistiam a debates francos e a algumas demonstrações sobre como satisfazer uma amante. Essa instrução era, regra geral, seguida por uma ou duas lições com uma mulher qualificada para a formação de jovens nas competências necessárias tanto no leito como fora dele. Apesar do dinheiro que vinha a gastar com Blyte, conseguira poupar o suficiente da pitaça trimestral para pagar essa instrução formal.

Quando contara a Blyte que se inscrevera para uma formação sexual num estabelecimento reputado, ela levava-o até um lugar discreto no terraço no exterior do salão de baile e dissera, pela primeira vez, aquelas palavras fatais. *Se me amasses...*

Se ele a amasse esqueceria a formação e empregaria o dinheiro para a levar a...

Não se lembrava do que ela quisera nessa primeira vez, mas parecera razoável, e ele *amava-a*, pelo que cancelara a formação e levava-a a um evento dispendioso.

Depois, se ele a amasse, deixaria que *ela* o instruisse na arte do sexo e da prática do amor. Afinal de contas, ela já tivera a sua Noite da Virgem, pelo que receber um amante inexperiente não lhe poria em risco o poder, nem as Joias. E não suportava a ideia de que ele estivesse com outra mulher, nem sequer uma formadora, e, se ele a amasse, não lhe pediria que passasse por isso.

Quando ele continuou a esquivar-se ao sexo — afinal de contas, se alguém descobrisse, não seria a reputação dela que estaria em jogo —, ela pediu-lhe que fosse seu marido por um ano. Se ele a amasse, fá-lo-ia por ela, para os satisfazer aos dois.

Se me amasses. Se me amasses. Se...

Ela ensinou-lhe muito acerca de sexo enquanto protelava a oficialização da cerimónia. Afinal de contas, estavam casados nos seus corações, não era verdade?

Então, por fim suficientemente incomodado com os atrasos e com o desejo de Blyte de manter a combinação secreta — pelo bem dele —, contou à sua família que Blyte o pedira em casamento e que ele queria avançar com a cerimónia.

Quando o pai dele se encontrou com o pai de Blyte para negociar os termos da união, Blyte negou, em histeria, ter estabelecido tal compromisso com o Senhor Dillon. Confessou, em lágrimas, que vinha a fazer sexo com Dillon, mas ela tinha direito a um amante, ao passo que ele...

Escândalo. Acusações e contra-acusações. Quando o pai dele ameaçara levar o caso à Rainha da Província, que, ao contrário da Rainha do Distrito que lhes governava a cidade, não estava ligada à família Blyte, Dillon recebera uma «compensação» pelo «equivoco» — marcos de ouro e prata suficientes para lhe comprar o silêncio e acabar com as acusações.

A família dele não o renegou propriamente — isso seria negar a pretensão de Dillon em como fora o lesado —, mas os pais deixaram bem claro que seria no melhor interesse de todos se ele se instalasse noutra cidade e começasse do zero. Afinal de contas, já tinha vinte anos de idade e podia bem aguentar-se sozinho; e era preciso ter em conta os dois irmãos mais

novos. Se ele ali ficasse, a mácula da sua reputação poderia alastrar-se para os irmãos, e ele não queria tal coisa, pois não?

É claro que não. Mas sair de casa para servir numa corte ou aceitar uma posição numa cidade diferente para fazer o seu trabalho não era o mesmo que ser convidado a partir por ter cometido o erro de acreditar nas mentiras de uma cabra.

Profundamente magoado quando o pai, pressionado pela mãe, lhe dera uma semana para encontrar outro sítio para viver bem longe da sua terra natal, Dillon não conseguira pensar, não fizera ideia para onde ir. Escolheu às cegas uma cidade rihlander na costa de Askavi — um sítio onde a família costumava alugar um «pavilhão» no verão, um mês em que mostravam serem abastados, mesmo pertencendo a um ramo menor de uma árvore genealógica aristocrata.

Os veraneantes haviam partido semanas antes, mas os aristocratas que lá viviam não foram difíceis de encontrar; em poucos dias já se aproximara de alguns jovens Senhores da Guerra da sua idade, que haviam ficado suficientemente impressionados com a sua Joia Opala para lhe mostrarem a zona, apresentá-lo a outros aristocratas. Começava a perceber quem era quem e julgou ser capaz de ser apresentado ao Camareiro da Rainha de Distrito que governava aquela cidade. Felizmente, não se tratava da mesma Rainha que governava a cidade onde a sua família vivia. Se conseguisse ser apresentado, talvez fosse capaz de obter um contrato na corte para servir no Segundo ou no Terceiro Círculos — uma posição que lhe permitiria completar a formação como acompanhante, ao mesmo tempo que empregaria as competências já aprendidas.

Depois de um ano ou dois para ganhar tarimba, talvez pudesse seguir para um dos outros Territórios. Quiçá Dharo, ou até Scelt, no outro lado do Reino. Ou um sítio ainda mais exótico, como Tigrelan, um Território com dois tipos de Sangue. Ambos ostentavam garras e pele listada, mas uma das raças era humana e a outra felina. Ambas eram perigosas. Ah, mas seria empolgante...

— Cá estás tu.

Uma voz feminina, alegre e instável.

Dillon virou-se e sorriu — um sorriso cuidadosamente calculado que era afável a ponto de ser cortês, mas não o suficiente para ser tomado por um convite. Aprendera-o antes de deixar a escola.

Ou a luz era débil, ou a Senhora Carron optara por não reconhecer o sentido do sorriso. Dirigiu-se a ele de uma forma que devia ter-lhe deixado

o corpo a vibrar e envolveu-lhe o pescoço com os braços. Ele manteve os dentes cerrados para a impedir de lhe dar um beijo de boca aberta que permitisse o emaranhamento das línguas.

— O que se passa? — perguntou ela, com um beicinho.

— Não se passa nada — respondeu Dillon.

— Então porque estás a ser assim?

— Assim como? — Dillon tentou soltar-se, mas os braços dela apertaram-lhe o pescoço, pressionando-lhe o corpo contra o dele. — Senhora Carron, isto não é apropriado.

— Ouvi dizer que não te preocupas assim tanto com o que é apropriado. Que gostas de uma boa montada. Muito entusiasmo, embora sem a experiência que te tornará mesmo bom na cama. Foi o que *eu* ouvi dizer.

Dillon sentiu um nó no estômago.

— Está enganada.

O sorriso dela era aguçado.

— Não foi isso que a minha grande amiga Blyte me contou. Sei *tudo* sobre ti, Senhor Dillon. — Esfregou-se contra ele. — E se não quiseres que *todos* saibam aquilo que a Blyte me contou sobre ti, vais ser muito simpático comigo... e muito acomodaticio.

Dillon sentiu-se quente, e depois gelado. Não bastava que a traição de Blyte lhe tivesse maculado a honra e aberto um fosso entre ele e a família? Se Carron contasse a outros aristocratas aquilo que Blyte dissera acerca dele, nunca teria uma audiência com o Camareiro de uma Rainha, nunca poderia servir numa corte, pois uma Rainha nunca pensaria em aceitar um acompanhante com a reputação manchada, pois havia inúmeros jovens puros por onde escolher.

Precisava de fazer alguma coisa — depressa.

— Aqui não — disse ele. — Hoje não.

— Que não demore.

Dillon percebeu a ameaça por trás das palavras.

Bom, ele não demoraria a fazer alguma coisa. Na verdade, fá-lo-ia imediatamente.

Corroído por uma fúria estouvada, Dillon saiu da alcova, uma mão no cabelo arruivado, num gesto que parecia uma tentativa de o domar, enquanto a outra percorria a frente do casaco de noite. Os olhos verdes perscrutaram os limites do salão de baile até avistar o Senhor Tuolo, o conhecido que poderia ter-se tornado um amigo. Tolo, como por vezes era chamado por quem insistia ser dono de um sentido de humor refinado,

adorava mexericos e era incapaz de guardar um segredo — algo que todos os que pertenciam aos círculos sociais aristocratas bem sabiam acerca do jovem. O que fazia de Tolo a escolha perfeita.

Dillon acercou-se de Tolo e puxou-o à parte. Não para muito longe, sem sair do alcance de um Senhor da Guerra atento que olhou para Dillon e depois na direção da alcova onde Carron desaparecera.

— Não vais acreditar nisto, Tolo, mas vou casar-me com a Senhora Carron! — Dillon manteve o tom baixo, conspirativo, mas alto o suficiente para que o outro Senhor da Guerra também ouvisse o que ele tinha a dizer.

— O quê? — exclamou Tolo. — Vais quê?

— Eu sei! Ainda nem há uma semana nos conhecemos, mas ela disse que *precisa* que eu seja amante dela. Por isso vamos casar-nos, para que eu seja marido dela por um ano. E ela será a minha esposa. Não é maravilhoso? Mas ainda não podes dizer nada, pois ela acabou de me fazer o pedido e eu tenho de publicar o aviso no semanário que apresenta os banhos.

— M-mas... — tartamudeou Tonto. — Soube que o pai da Senhora Carron estava a negociar um contrato nupcial com um Senhor da Guerra de outra família aristocrata.

A amargura encheu Dillon. Os olhos cintilaram-lhe.

— Talvez ela já tenha tentado dançar na horizontal com ele e decidido que o indivíduo não estava à altura dela por se mostrar disposto a acatar-lhe o pedido *antes* de os contratos terem sido assinados.

Um lampejo de fúria próxima indicou-lhe que a sua farpa verbal encontrara o alvo e interrogou-se se a Senhora Carron se veria obrigada a procurar outro marido potencial, ou se o contrato nupcial presentemente em cima da mesa se tornaria muito mais caro.

— Tenho de ir. — Dillon deu uma palmada no ombro de Tolo. — Quero escrever aos meus pais e enviar a nova por mensageiro especial logo de manhã. — Ergueu a mão e esticou um dedo. — Lembra-te. Não digas nada a ninguém.

Dillon apressou-se, esperando que o Senhor da Guerra que poderia ser o marido pretendido não o seguisse. Tivera instrução básica em combate e defesa — todos os acompanhantes passavam por tal formação —, mas não queria ver-se encurralado por um homem com mais treino e capacidades.

Ninguém o seguiu. Esgueirou-se e encaminhou-se para o quarto de hotel antes que Tolo conseguisse despertar o suficiente do choque para começar a espalhar a notícia — em confidência.

A convocatória do pai da Senhora Carron chegou antes do pequeno-almoço, mas o encontro foi marcado para meio da manhã, uma hora perfeitamente calculada. O equilíbrio entre urgência e cortesia levou Dillon a interrogar-se quanto ao que o pai de Carron dissera à filha na véspera — ou o que o marido pretendido dissera ao pai dela. O casamento continuaria a ser negociado? Se o pai dela lhe oferecesse um contrato nupcial com Carron...

Queria passar um ano da sua vida com ela? Não, não queria. Qualquer rapariga que fosse amiga de Blyte seria um tormento para ele.

Não houve troca de palavras quando foi levado ao escritório do Senhor da Guerra, mas Dillon sabia que a sua Joia Opala fora observada e sopesada contra a Azul-Celeste do pai de Carron, levando assim a alguns ajustamentos quanto ao seguimento do encontro.

— Ontem à noite terá havido um equívoco — disse o Senhor da Guerra, observando Dillon.

— Meu senhor? — replicou ele educadamente.

— A minha filha não lhe poderia ter oferecido um casamento. O homem que ela escolheu para ser marido dela e eu temos vindo a negociar os contratos nupciais nestas últimas duas semanas, pelo que ela não poderia ter-lhe oferecido a si um casamento.

— Mas... — Dillon pareceu dolorosamente confuso, uma expressão que passara uma hora a treinar na véspera, já antecipando aquele encontro. — Ela pediu-me que fizesse sexo com ela. *Insistiu* que lhe obedecesse.

O Senhor da Guerra enrubesceu.

— Pois. Bom. Uma jovem que passou pela Noite da Virgem tem... necessidades, e não há nada de mal em gozar os prazeres de um amante.

— O senhor tem toda a razão, é claro — admitiu Dillon. — Mas um rapaz não dispõe da mesma liberdade, e um rapaz que se entregue antes de se assinar um contrato formal pode ser... mal entendido. Foi por isso que quando a Senhora Carron insistiu que lhe providenciasse sexo, *eu* depreendi que me estava a pedir que assinasse um contrato formal, pois eu *sei* que ela não queria que um homem procedesse de forma desonrosa. Afinal de contas, se *ela* julgasse ser correto usar um homem dessa forma, isso seria dar permissão a outras raparigas para que pressionassem o irmão dela a fornecer-lhes sexo. O meu senhor não acha?

O homem mais velho ficou pálido e os olhos encheram-se de medo perante esse risco potencial para a reputação do filho.

Ao ver isso, Dillon pensou que talvez, a seu tempo, ele pudesse perdoar ao pai por se preocupar mais com a reputação dos irmãos do que com ele.

— A minha filha lamenta profundamente ter-lhe transmitido a impressão errada.

Imagino, pensou Dillon.

— Soube que chegou recentemente à cidade.

— É verdade, meu senhor.

O Senhor da Guerra invocou um envelope grosso e estendeu-o.

— O Senhor Dillon é um jovem muito bem-apegoado, e é mais fácil resistir à tentação quando uma jovem não a vê todos os dias. Conto que me obsequie... mudando-se. Isto deverá cobrir-lhe as despesas e servir de compensação pelo inconveniente causado pela minha filha.

Dillon aceitou o envelope, abriu-o e contou as notas no interior. Três mil marcos de ouro. *Três mil*. Ainda mais do que a compensação que recebera do pai de Blyte.

— Sim, meu senhor. — O tom denotava coragem, tristeza e compreensão. Soava perfeito. — Desejo o melhor à Senhora Carron. — Fez uma pausa. — Com a sua licença, meu senhor, julgo que será mais fácil para todos nós se me ausentar com celeridade.

Assim que saiu do escritório, Dillon fez desaparecer o envelope. Percorreu um quarteirão antes de chamar um cabriolé para regressar ao hotel. Já antecipando a necessidade de sair rapidamente da cidade — havia sempre a possibilidade de que o marido pretendido de Carron o desafiasse para um combate —, fez desaparecer as malas já feitas, saldou a conta e dirigiu-se à estação para comprar lugar numa Carruagem para uma povoação que tinha a certeza de nunca ter sido visitada pela família. Com um pouco de sorte, ninguém nessa cidade teria ouvido falar de Carron — ou de Blyte.